

## Águas passadas, presente e futuro: memória e crise ambiental em pintura e fotografia<sup>1</sup>

Michele Martins Nunes<sup>2</sup>  
Karine Gomes Perez Vieira<sup>3</sup>

### Resumo

O texto versa sobre o processo de instauração da obra *Águas passadas, presente e futuro*, composta por fotografias e pinturas de espaços urbanos de uma localidade do interior gaúcho durante a maior enchente de sua história. Apresenta contribuições de autores como Georges Didi-Huberman, problematizando as relações entre o tempo, a imagem e a experiência sensível. Reflete sobre as transversalidades da proposta, articulando, a partir da prática, questões sobre a catástrofe climática, a representatividade e o estatuto das imagens.

**Palavras-chave:** enchente; paisagem urbana; pintura; fotografia; montagem

### Abstract

The text discusses the process of establishing the work *Águas passadas, presente e futuro* [Past Waters, Present and Future], composed of photographs and paintings of urban spaces in a town in

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no (G - Estresse pós-traumático e mitigação dos danos) do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 04 a 06 de dezembro de 2024.

<sup>2</sup> Doutoranda em Artes Visuais, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, e-mail: mim.pint@gmail.com

<sup>3</sup> Profa. Doutora em Artes Visuais, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM e e-mail: karine.g.perez-vieira@ufsm.br

the interior of Rio Grande do Sul during the greatest flood in its history. The reflection presents contributions from authors such as Georges Didi-Huberman, problematizing the relationships between time, image and sensory experience. It reflects on the transversalities of the proposal, articulating, based on practice, questions about climate catastrophe, representation and the status of images.

**Keywords:** flood; urban landscape; painting; photography; montage

A imagem, longe de ser um reflexo passivo do real, carrega em si uma potência narrativa. Ela não só apresenta, mas interpreta e ressignifica, operando no campo simbólico e político. Minha pesquisa artística lança luz sobre as transfigurações na paisagem urbana em tempos de mudanças climáticas, partindo de um ponto de vista que é, ao mesmo tempo, íntimo e crítico. Como artista e pesquisadora, habitando próximo ao rio que banha o Vale do Caí, senti de perto o impacto da enchente histórica que devastou o Rio Grande do Sul em maio de 2024, deixando cicatrizes profundas e expostas na geografia e na memória coletiva da região. Essas marcas tangíveis e intangíveis se tornaram o tema do trabalho "Águas passadas, presente e futuro", um políptico composto por dez imagens - pinturas e fotografias - que retratam o município de Montenegro-RS em diferentes momentos dessa tragédia ambiental.

### **A vivência da enchente**

Perto do cais do rio ficava a casa da minha infância, o primeiro mundo que conheci. Ao lado desta casa havia um campo que em período de enchente se transformava num açude. Era bonito o rio vir nos visitar, porém, recordo a preocupação de meus pais em longos períodos de chuva. Mudamos de endereço após alguns anos, mas segui convivendo com essa região da cidade de Montenegro, onde habitavam meus avós paternos e tios. Passaram-se décadas e é notável que, apesar de tão próximo da zona central, enquanto a paisagem urbana transformou-se, ali as construções são as mesmas, embora algumas estejam desabitadas.

Ligada ao cais do rio, nesta cidade, também está a rua Ramiro Barcelos, que possui grande importância por ser a que concentra maior movimentação comercial. Durante as enchentes, esta rua transforma-se numa régua de medição popular do nível da água. Todos querem saber em qual altura da rua a água chegou. Das grandes inundações, é comum ouvir que alcançou a “esquina dos bancos”, que é a esquina da rua Ramiro Barcelos com a José Luís, como podemos observar nas fotografias abaixo. As imagens apresentam o mesmo ponto de vista, uma realizada em 1941, a outra em 2024, em temporalidades diferentes a questão das inundações continua sendo motivo de grande preocupação.



**Fig. 1 e Fig. 2** Esquina da rua Ramiro Barcelos com a rua José Luís, em Montenegro, 1941 e 2024. Acervo do Museu Histórico Nice Schuler. Acervo pessoal.

O ano de 1941 ficou marcado na história do Rio Grande do Sul por uma grande enchente, a maior até maio de 2024. Em Montenegro, a enchente de 1941 ultrapassou a esquina de referência, avançando a metade da quadra que atualmente vai até a praça central. Na imagem que documenta este acontecimento (Fig.1), além da água que tomou a rua, podemos observar a arquitetura de prédios que não existem mais. O prédio imponente que aparece em destaque na imagem foi construído em 1917 e demolido no final da década de 1960, tendo ali funcionado o Banco Nacional do Comércio. Comparando a foto atual (Fig.2) com a foto do passado, a

paisagem está completamente modificada. Interessante perceber que a única imagem do extinto prédio só existe por causa do evento que originou a fotografia: a enchente.

Em maio de 2024 vivi em Montenegro sob uma imensa quantidade de chuva que devastou quase a totalidade do Rio Grande do Sul. A água do rio cobriu de marrom parte da cidade mais uma vez. Porém, esta foi uma inundação como nunca se havia visto: 478 (96%) municípios gaúchos enfrentaram situações de emergência ou calamidade. Foram duas semanas em que choveu o previsto para cinco meses. O rio precisava passar e no caminho haviam cidades para as quais não pediu licença. Na régua popular montenegrina a água ultrapassou a quadra da esquina de referência, e também a praça central, avançando na quadra seguinte. A água derrubou muros, postes, arrastou carros, ocupou casas expulsando os moradores.

Há duas quadras de distância do rio fica a casa onde mora minha mãe. Em novembro de 2023, a enchente entrou pela primeira vez na residência, na altura de 20 cm. Em maio de 2024 a água entrou novamente, atingindo a altura de 1,70 m. Assim como a paisagem urbana é resultado de diferentes tempos históricos, a casa, nosso canto no mundo, é composta por lembranças de toda vida. Os moradores saíram enquanto a água entrava, sem saber como seria o retorno. Saíram porque foram resgatados e a porta ficou aberta com a água embarrada, já na altura da cintura, avançando.

Após cinco dias foi possível entrar novamente na casa. O barro cobria o chão, móveis e objetos. Das profundezas do rio também vieram outros seres: encontramos peixes e cobra dentro da casa. Os móveis, eletrodomésticos e objetos em geral foram movidos pela água, estavam caídos em diferentes lugares. Nas ruas atingidas, a cor e o cheiro do lodo certificavam a passagem furiosa do rio que atravessa a cidade. Em frente a cada residência acumulavam-se amontoadas de descartes, antes tudo compunha os interiores montenegrinos. Mais que bens materiais, são memórias que o rio levou. Neste cenário de destruição, a tristeza e indignação, para muitos, refere-se às fotografias da própria infância, e de filhos pequenos, de casamento, de formatura, de quinze anos, de instantes com amigos e familiares que as fotos preservaram antes que a lama se faça pátina que corrompa, macula as cenas de muitas vidas nelas retidas. Georges

Didi-Huberman destaca que a imagem “tem frequentemente mais memória e mais futuro que o ser que a olha.” (DIDI-HUBERMAN, p.16) As imagens nos passam a ideia de permanência e, quando a própria imagem é perdida, como as fotografias danificadas pela enchente, a sensação é de deixar um pouco de existir.

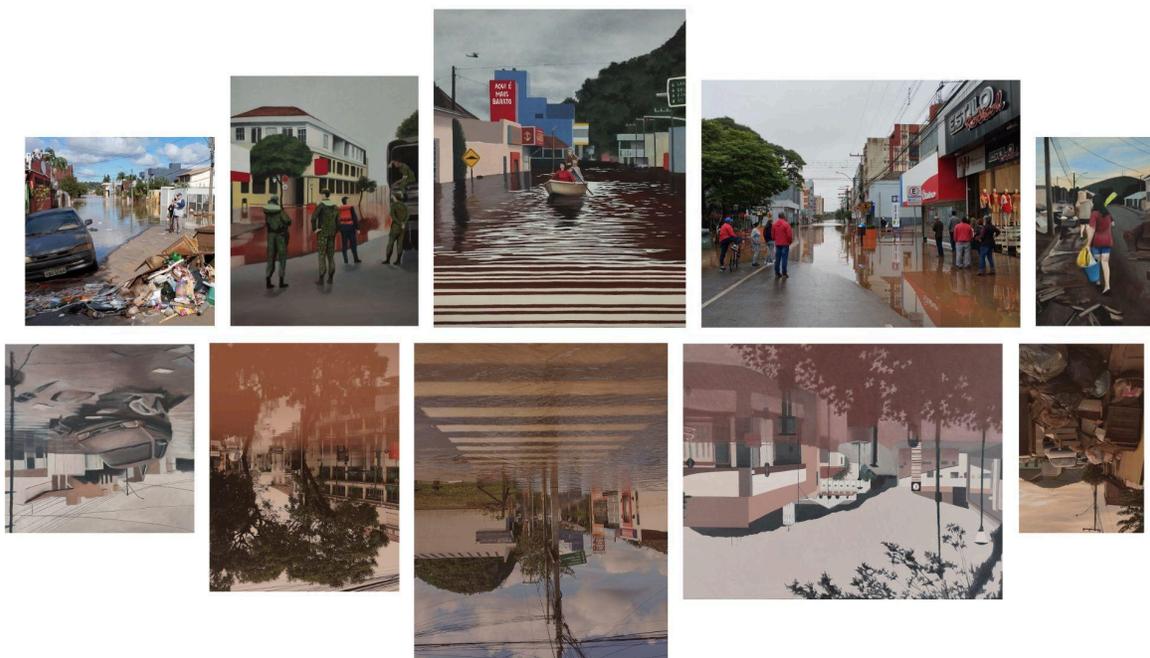
### **Produção da obra**

Durante as duas enchentes que ocorreram no curto período de 01 a 17 de maio, buscando entender a dimensão do que estava acontecendo e dentro do que a situação permitia, fiz documentos fotográficos com a câmera do smartphone. Diferente da enchente de 1941, da qual há poucos registros, hoje temos abundante produção de imagens objetivas dos fatos atuais. Na intenção de elaborar um trabalho artístico com esta documentação fotográfica, questionava-me o que diferencia as imagens que fiz das imagens que estavam circulando nas redes sociais e sendo veiculadas em jornais e outros meios de difusão informativa.

Acredito que esse trabalho me permitiu documentar e reinterpretar a paisagem urbana em um ato de reconstrução simbólica. Para desenvolver esse olhar, aproximei-me do pensamento do historiador da arte Georges Didi-Huberman, ao explorar a montagem e o conceito de sobrevivência nas imagens, trouxe para minha prática a possibilidade de reinterpretar o tempo e criar uma narrativa fragmentada que não só documenta, mas também rememora e questiona. Dividida entre pinturas e fotografias, a obra apresenta espaços urbanos de Montenegro em um fluxo temporal que reflete diferentes momentos vividos durante o desastre. Minha intenção ao trabalhar em um formato de políptico é, em primeiro lugar, criar uma composição visual que reverbera o caos e a fragmentação sentidos durante e após a enchente.

Selecionei dez fotografias: cinco para transpor para tela, realizando pinturas e cinco para serem impressas sobre PVC. Escolhi duplas de imagens do mesmo local em diferentes momentos e ângulos; uma apresentada em fotografia e a outra em pintura. As imagens que compõem a obra tem dimensões variadas, porém cada dupla têm as mesmas dimensões, sendo que uma fica acima da outra, e a imagem da linha inferior é invertida, numa tentativa de fazer alusão ao reflexo da água. As imagens da parte inferior não apresentam figuras humanas e foram

trabalhadas em tons terrosos que remetem a cor das águas. Na parte inferior, portanto, as imagens fotográficas também foram manipuladas, tendo as cores alteradas. Na parte superior aparecem pessoas, as imagens são coloridas, e a cor vermelha, geralmente usada para sinalizar situações graves, é evidenciada em alguns pontos das imagens realizadas.



**Fig.3** Michele Martines, *Águas passadas, presente e futuro*, pintura acrílica s/ tela e impressão fotográfica s/ pvc (políptico), 102 x 178 cm, 2024.

As fotografias revelam a crueza do momento vivido, documentando o impacto material do desastre: ruas submersas, residências vazias e bens pessoais misturados aos destroços. As pinturas, por sua vez, interpretam a paisagem através de camadas cromáticas lentamente elaboradas, que sugerem as marcas e as memórias deixadas pela passagem da água. Neste sentido, o uso de dois meios diferentes - fotografia e pintura - reflete minha tentativa de

construir uma leitura plural e expandida da paisagem urbana afetada. Busco, assim, criar uma ponte entre a objetividade documental e a subjetividade interpretativa.

A fotografia documento surge na crença da imagem como prova. Segundo André Rouillé (2009), a fotografia documento refere-se à prática fotográfica que busca capturar e registrar o mundo de forma objetiva e factual, muitas vezes vinculada ao fotojornalismo e à documentação histórica. Em contraste, a fotografia expressão é entendida como uma forma de arte pessoal e subjetiva, onde o fotógrafo utiliza a câmera como meio de expressão individual, priorizando a dimensão poética da imagem. Rouillé enfatiza que ambas as abordagens não são mutuamente exclusivas, mas representam diferentes modos de utilização da fotografia para comunicar e interpretar o mundo ao nosso redor.

Laura González Flores (2011), ao refletir sobre a fotografia como memória, tendo a função social de servir como testemunho de uma realidade que existiu, aponta que a memória é “trazer algo do passado ao presente no nível mental e espiritual. Enquanto a memória indica o passado, o “percepto”, em contrapartida, assinala o presente: é a forma do percebido enquanto se está percebendo.” Entretanto, a memória é um processo ativo e criativo, se “a memória é trazer imagens à consciência, a imaginação é a livre combinação dessas imagens”.

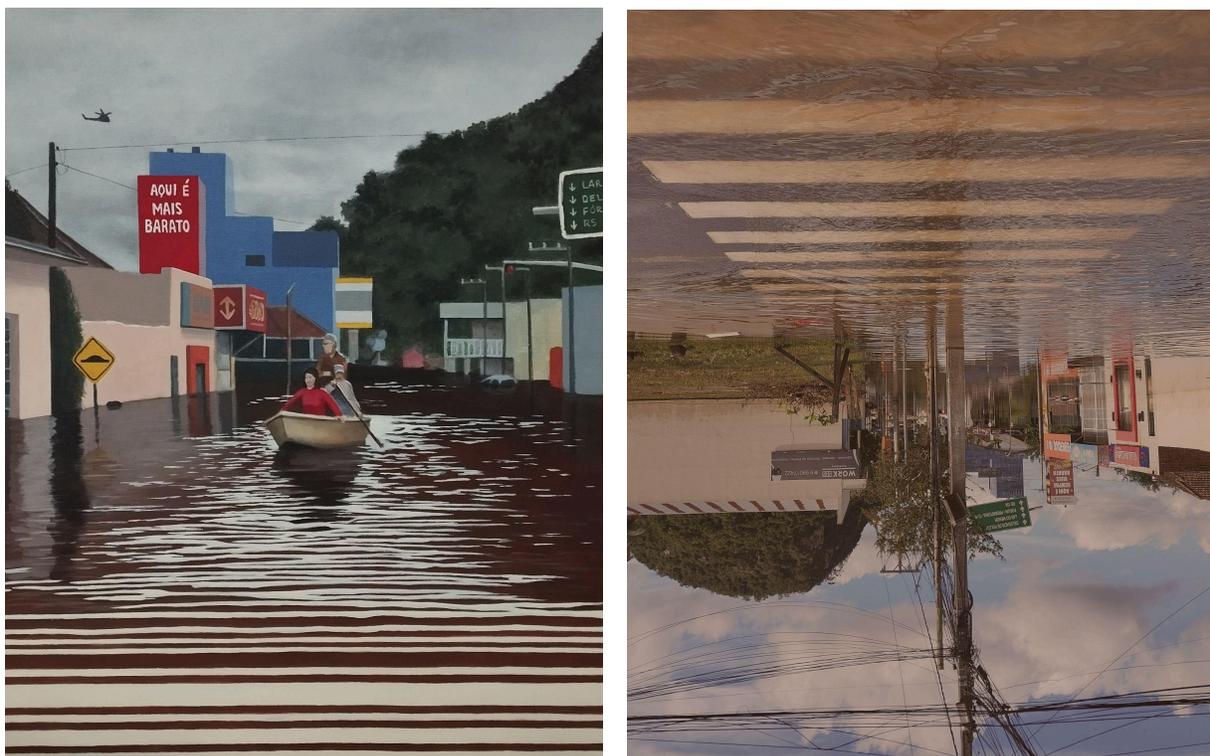
Enquanto a fotografia captura um instante, a pintura é um processo cumulativo e exige um tempo prolongado de produção. Em *Águas passadas, presente e futuro*, elaborei um conjunto pictórico-fotográfico. Optei pela pintura em tela, com sua materialidade tangível, contrastando com fotografias impressas em PVC, que evocam uma superfície lisa e industrial. Penso que a combinação das duas linguagens provoca uma interação que questiona as percepções tradicionais de cada meio. As pinturas, por exemplo, podem ser percebidas como recriação ou interpretação do mundo real, enquanto as fotografias podem ser vistas como ancoradas no real, mas também manipuláveis e interpretativas. Mesmo que associada ao "real", a fotografia também é uma construção subjetiva. Essa oscilação provoca uma reflexão sobre o que é "real" e "construído".

Busco nesta produção, uma dialética entre pintura e fotografia, de maneira dinâmica e multifacetada, a partir de vários elementos que se complementam, se tensionam e criam novos sentidos. Interessa-me como o resultado do embate de ideias diferentes pode proporcionar uma nova ideia. A montagem de dípticos, trípticos e polípticos acentua a multiplicidade de tempos e espaços em meu trabalho. A pintura sugere uma temporalidade prolongada e processual, enquanto a fotografia captura um momento específico. No entanto, ao serem expostas lado a lado, essas imagens criam uma temporalidade expandida e fragmentada. Cada fragmento (pintura ou fotografia) adiciona uma camada de significado ao cenário urbano e a catástrofe, permitindo ao espectador "transitar" por diferentes perspectivas e momentos de um mesmo espaço da cidade e evento.

Didi-Huberman aborda a ideia de conhecimento pela montagem. Colocando as imagens em relação, uma ao lado da outra, o historiador busca desmontar o tempo e colocá-lo em pedaços na sua mesa de trabalho, para então recompô-lo. O autor comenta que somente conhecendo o tempo em pedaços se pode compreendê-lo. Nessa perspectiva, defende que o historiador convoca e interroga a memória, e não exatamente o passado, pois a memória não trata-se do tempo das datas, por isso decanta o passado de sua exatidão. “A memória é *“montadora* por excelência, organiza elementos heterogêneos (“detalhes”), escava fendas na continuidade da história (“intervalos”), para criar circulações entre tudo isso: *zomba do intervalo entre os campos* - e trabalha com ele” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p.419)

Em minha obra, a montagem se manifesta na justaposição de diferentes momentos e abordagens visuais, criando uma narrativa visual descontínua. O trabalho apresentado se constitui de intervalos sugeridos entre a subida das águas, a retirada das pessoas de suas casas e a devastação de ruas e moradias. Alguns fatores como mudanças climáticas, desmatamento inconsciente, especulação imobiliária entram nesta lista de responsabilidade com o espaço urbano. A frase “Aqui é mais barato” (Fig.4), na pintura central da composição, aparece integrada no cenário representado, como um anúncio publicitário estampado na parede de um prédio. Faz parte do marketing de um supermercado, mas no contexto da obra é bastante representativo, uma vez que os imóveis localizados em áreas atingidas pelas enchentes sofreram

uma queda abrupta em seu valor de mercado instigando a compra de imóvel em área de risco. Portanto, a frase tenciona uma crítica ao hiperconsumo, que ignora questões ambientais em vista do lucro que se pode ter.



**Fig.4** Detalhes do trabalho *Águas passadas, presente e futuro*. Pintura (à direita) e fotografia (à esquerda).

Em *Águas passadas, presente e futuro*, utilizo a montagem como ferramenta de sobrevivência da memória, permitindo que o observador acesse uma espécie de "arquivo emocional" da cidade. A cada camada pictórica ou fragmento fotográfico, proponho que essas paisagens sobrevivam não só como registros de um evento, mas como vestígios de uma cidade que resiste. Essa abordagem dialoga com a ideia de que as imagens possuem uma capacidade de sobrevivência, de carregar em si fragmentos de um tempo que insiste em se manter presente. A sobrevivência, nesse caso, é o processo pelo qual Montenegro, como uma entidade visual e

simbólica, persiste, mesmo transformada pela força das águas. Ao combinar fotografia e pintura, consigo explorar as marcas do tempo e os vestígios que resistem - não como ruínas, mas como traços de uma paisagem que continua a se reconstruir.

O título da obra *Águas passadas, presente e futuro* faz referência a recorrência das enchentes na localidade e a probabilidade de que, na conjuntura atual, fenômenos climáticos aconteçam com maior intensidade e frequência. Sobre a enchente de 1941, Pe. Balduino Rambo (1904-1961), no livro *Fisionomia do Rio Grande do Sul*, descreveu o panorama que presenciou como, ao mesmo tempo, grandioso e desolador. “Enormes massas líquidas, barrentas, rolando com impetuosidade destroem incontável riqueza agrícola, bem como urbana, além do rastro de doenças que provoca.” O autor também sugeriu medidas a serem tomadas prevendo a recorrência do fato, como reflorestar encostas e até mesmo o deslocamento de alguns municípios no Vale do Taquari. (RAMBO, 2015)

Dada a grandiosidade da recente catástrofe, as sugestões de Balduino Rambo ficaram no esquecimento tanto do poder público como da população. Pensar sobre o crescimento das nossas cidades é assunto tão atual quanto urgente. No desenvolvimento urbano não podemos contrariar a natureza, pois sabemos que a mata protege, sendo essa uma necessidade fundamental que infelizmente não é levada à sério. A água normalmente não busca o alto, costuma verter-se cada vez mais para baixo. Assim como a realidade da vida carrega tudo, das boas convivências às dramáticas, a água que repousava despercebida ergueu-se do leito do rio pelo volume de chuvas torrenciais e falta de desassoreamento, levando terra, pontes, lavouras, cidades, muros, casas, objetos e vidas na fúria de sua passagem. Tendo vivido essa experiência traumática, fiz do meu trabalho em artes visuais o meio de gritar minha indignação na expectativa de fazer ver e pensar as consequências do que vivemos responsabilizando-nos com o futuro agindo sobre nossa maneira de estar no mundo, integrados à ele.

Arthur Danto (2020) defende que toda obra de arte incorpora significados, para o autor “trazer para a arte o duplo critério de significado e incorporação é conectá-la ao conhecimento”. O espaço público, de convivência, de vida, neste trabalho está representado num momento de calamidade. A partir do evento a obra busca tecer novas percepções, e modos de

ver, pensar, sentir, observar o entorno citadino, reunindo história, identidade, cultura e memórias da cidade. Acredito que a arte contemporânea, ao incluir uma reflexão do artista em relação ao seu ambiente, colocando em questão o espaço que o rodeia, pode contribuir para problematizar situações como a das enchentes e para que esta memória não seja esquecida.

No contexto atual, onde eventos extremos como enchentes, secas e incêndios se tornam cada vez mais frequentes, acredito que o papel do artista é, em parte, o de testemunhar e reimaginar. Em *Águas passadas, presente e futuro*, tento exercer essa função, oferecendo ao espectador não uma visão definitiva da catástrofe, mas uma reflexão sobre como a cidade e seus habitantes são afetados por forças que escapam ao controle humano. Como artista, vejo minha obra como um espaço de diálogo e de questionamento, onde o observador é convidado a refletir sobre o que significa habitar uma paisagem em constante transformação.

A escolha de representar uma catástrofe como a enchente de 2024 é também uma maneira de enfrentamento da realidade das mudanças climáticas que moldam nosso cotidiano e alteram nossa percepção de segurança e pertencimento. *Águas passadas, presente e futuro* é, portanto, uma obra que não fala apenas de Montenegro ou da enchente; ela aborda a fragilidade do espaço urbano e a relação ambivalente que mantemos com o ambiente que habitamos. Ao fazer isso, busco ampliar a discussão sobre a responsabilidade coletiva em relação às mudanças climáticas e sobre o papel do artista como testemunha ativa dessas transformações.

Em um mundo onde as mudanças climáticas desafiam nossa capacidade de resposta, a prática artística pode ser capaz de mediar complexidades. As imagens, ao mesmo tempo em que podem ser instrumentos de manipulação e esquecimento, possuem a capacidade de resistência e transformação, carregando em si o potencial de inquietar e sensibilizar o espectador. Ao elaborar este e outros trabalhos não busco apenas documentar, mas também questionar: O que deve ser transformado no espaço urbano? O que sobrevive na memória coletiva? Como podemos refazer o espaço urbano sem apagar suas histórias? Como a arte pode ajudar a construir um imaginário que sustenta não só o humano, mas também o que está além dele?

A emergência climática ameaça nossa existência e expõe profundas desigualdades sociais. Quero, por meio desta série de conjuntos pictórico-fotográficos, explorar as

transformações do nosso entorno e provocar reflexões sobre a relação entre a ação humana e a fragilidade do planeta. Tenho buscado maneiras de elaborar propostas expositivas e materiais de acesso pensando especialmente em estratégias de abrangência junto às escolas. Seja através de visitas mediadas ou criando materiais digitais para que esta produção possa ser trabalhada em sala de aula. A resiliência urbana não está apenas nas infraestruturas que prometem mitigar os efeitos das catástrofes, mas nas maneiras como as pessoas e as comunidades se reconstróem. A arte é um meio para, além de denunciar os efeitos dessa crise, inspirar o cuidado, a empatia, a busca por soluções coletivas, de imaginar futuros possíveis, onde o humano e o não humano convivam em um equilíbrio renovado.

### **Considerações finais:**

Quando pensamos nas imagens como vestígios de eventos ou como projeções de possibilidades, estamos refletindo sobre sua capacidade de sobreviver ao tempo, como argumenta Didi-Huberman. Cada imagem carrega consigo fragmentos de histórias passadas, que dialogam com o presente e abrem espaço para futuros possíveis. No contexto das mudanças climáticas e catástrofes como enchentes, a imagem ganha um papel ainda mais agudo. Ela não apenas documenta, mas alerta, transformando-se em um símbolo que pode transcender sua temporalidade original para inspirar ações futuras ou fomentar debates éticos e políticos.

As práticas urbanas contemporâneas – como a expansão desenfreada, o uso excessivo de recursos naturais, a alta emissão de gases de efeito estufa e a impermeabilização do solo – contribuem diretamente para a intensificação dos problemas ambientais, como as enchentes históricas que atingiram o Rio Grande do Sul. Refletir sobre o urbanismo como um dos protagonistas da crise climática envolve reconhecer o impacto profundo que o desenvolvimento das cidades tem sobre o meio ambiente. A arte pode servir como uma ferramenta crítica, levando à reflexão e questionamento sobre o que não é mais possível aceitar, e como as cidades podem se adaptar e se transformar frente aos desafios climáticos.



**XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER** – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade do Estado de Santa Catarina. De 04 a 06 de dezembro de 2024.

## Referências

DANTO, Arthur. **O que é arte**. Belo Horizonte: Editora Relicário, 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2013.

\_\_\_\_\_. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

FLORES, Laura. **Fotografia e pintura: dois meios diferentes?**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2015 (1942).

ROUILLÉ, Andre. **A fotografia: entre o documento e a arte contemporânea**. São Paulo: Editora SENAC, 2009.